

Em defesa do jornalismo

Resposta à parte doutrinária dum artigo de polémica do sr. Raúl Proença

No anterior artigo "Em defesa do jornalismo" limitei-me, mau grado meu, a responder às amabilidades que o sr. Raúl Proença me dirigiu no n.º 84 da "Seara Nova". A exiguidade do espaço de que podia dispor não me permitiu, então, apreciar a parte doutrinária do artigo do meu antagonista, merecedora dos reparos que vou fazer agora.

Antes de mais nada, quero, todavia, declarar que nas palavras que escrevi no n.º 126 deste "Suplemento" não pus qualquer intenção de agravo pessoal para o sr. Raúl Proença.

Discordar do dogmatismo de quem quer que seja, censurar-lhe mesmo determinadas atitudes — não autoriza ninguém a menoscabar a sua integridade moral. Nem como particular, nem como funcionário público, o sr. Raúl Proença me interessa. O que me interessa, o que pode interessar aos que me lerem, é o que escreve e pensa esse publicista. São as suas ideias e a forma como as expõe o que está em causa. O seu carácter, que não conheço, mas que me garantem ser digno, e a sua actividade profissional, que sei ser notável, estão fora desta contenda.

Faço esta declaração por dever de consciência, para que não se interprete como uma insinuação o período final do meu anterior artigo. Não pus nele malícia, nem tinha que pôr — saiba-o o sr. Raúl Proença e saibam-no aqueles que não me conhecendo me possam supor capaz de ocultar o meu pensamento com frases artificiosas, das que têm dois gumes e ferem como navalhas.

Ratificada assim a declaração que, por carta, fiz ao meu antagonista, no próprio dia em que o artigo foi publicado, sinto-me muito à vontade para apreciar os pontos de doutrina, ou melhor de deontologia jornalística, por êle tocados no seu artigo do n.º 84 da "Seara Nova". Não o farei, porém, sem aludir primeiro a um por menor de ordem técnica, que dá bem a medida da errada noção dos valores que é vício até daqueles que maior disciplina mental apreçoam ter.

Quando escrevi o meu primeiro artigo "Em defesa do jornalismo" sabia ao que me expunha. Excedeu, porém a minha expectativa, não o vigor da réplica — que poderia ter sido muito mais violenta, como o eco do n.º 83 da "Seara" deixava entrever — mas a exagerada importância que o sr. Raúl Proença deu ao incidente.

Da "Seara Nova", revista cultural e crítica, tinha eu uma ideia muito diferente do que ela na realidade é. Supunha-a uma publicação cujo corpo directivo efectivamente a dirigia, delegando em alguém, que tivesse o sentido das proporções, a função técnica de... paginar o jornal. Esse alguém não existe. Se existisse, nunca teria sido consentido ao sr. Raúl Proença empregar quasi três páginas da revista, as primeiras, as que devem ser reservadas ao assunto de maior interesse geral, para dizer coisas desagradáveis a uma pessoa desconhecida dos leitores da "Seara", só porque essa pessoa teve a pusadaria de beliscar a imensa vaidade do fogoso polemista.

Se o polemista deve partir sempre duma *atitude crítica*, como sãbiamente aconselha o sr. Raúl Proença, quem escreve para o público deve contar com a *atitude crítica* do leitor.

¿Então valia lá a pena fazer tanto barulho com um pobre-diabo de "ideias curtas" e "pés compridos", a-de-mais padecendo de pronunciada "miséria fisiológica"? ¿Interessava, porventura, aos leitores da "Seara" saber que existe um J. B. "eguarico" por hereditariedade, plebeu por educação, cultura e gosto literário" que supõe ser a polémica um bater-língua de regateiras e que além disso tudo tem a suprema desgraça de não ser um cerebral?

Não interessava nada, sr. Raúl Proença. E a réplica seria apenas um excelente réclamo para as iniciais, se elas tivessem, ou pretendessem ter, cotação nas livrarias-editoras e não estivessem de há muito desacreditadas, desde o João Brandão pelo menos.

Por tudo isso, nem a extensão, nem o local reservado ao artigo "J. B. ou le polémiste imaginaire" estão certos. Revelam uma tão completa ausência de critério jornalístico, que me habilita a crer que se o sr. Raúl Proença quisesse ser chefe de redacção dum jornal — não daria conta do recado.

E vamos à parte doutrinária do artigo da "Seara Nova". Diz a certa altura o sr. Raúl Proença:

...o facto de muitos jornalistas profissionais realizarem este último ideal (serem nas horas vagas funcionários, pagos pelo erário da Nação) com tão grande tranquillidade de consciência, não deve fazer-nos esquecer a vantagem da diversidade de gostos e de ideais, para podermos gozar, celebrando a suprema sabedoria do supremo Arquitecto do Universo, o espectáculo impressionante da multifôrme maravilha das coisas. Todos nós entramos, meu caro antagonista, no plano providencial da divindade. Se todos tivéssemos pela nossa obrigação de funcionários o amor que em geral revelam os jornalistas profissionais, o mundo seria duma desesperadora monotonia — e as moscas pensariam, na sua inocência, que teria chegado a hora de serem contempladas no festim ornamental. Deixem-nos os srs. jornalistas profissionais o prazer de nos sentarmos às nossas secretárias, como nós lhes deixamos o de irem, depois de assinado o ponto, censurar nos jornais a burocracia e a formidável desorganização do Estado. Sempre lhe digo, sr. J. B., que Frei Tomás colabora na imprensa portuguesa com diversíssimos pseudónimos.

E colabora, na verdade, sr. Raúl Proença. Ouso dizer-lhe que além de sábio médico, como demonstrou ser naquela receita do histogenol, é também perito cirurgião. Pôs o dedo na ferida. O funcionário mata o jornalista. Burocratiza a função e destrói a unidade da classe. E' por culpa do funcionário que o jornalista é mal remunerado, que nem sempre bate o pé quando o deve fazer, que se desinteressa da actividade sindical, do próprio aspecto intelectual da vida corporativa. E' também pela deficiente remuneração, pela falta de dignidade colectiva que considera uma atitude de altivez como uma condenável rebeldia, pela fraca solidariedade da classe jornalística entre si e com as outras classes trabalhadoras, que o jornalista, em regra, é ou pretende ser funcionário público, para se pôr a coberto de precalços futuros, para acautelar o seu sustento e o dos seus, pois no jornalismo qualquer capricho do patrão é — iquantas vezes! — a miséria.

E' um círculo vicioso este. Os jornalistas ganham pouco, porque lá está o funcionário, que quer arredondar o seu orçamento e tem umas horas vagas à noute, e, porque ganham pouco, vá de procurar mamar na teta do Estado, sendo, como quasi todos são... funcionários do Ministério do Trabalho — que Deus haja.

Tem razão o sr. Raúl Proença em apontar a anomalia, que às vezes toma o carácter de

duplicidade e atinge profundamente o jornalismo, tornando-o essa coisa que para aí está — amorfa, mazomba, sem mobilidade, sem individualidade, salva uma escassa dúzia de excepções.

Estamos, portanto, de acôrdo, sr. Raúl Proença. Desterremos o funcionário para a jaula da repartição e façamos um auto de fé com as mangas-de-alpaca das redacções. Digo-lhe só que nesse dia eu também serei enjaulado.

Prosegue o meu antagonista:

...ela (a Imprensa) está corrompendo a sua missão da forma mais impudente e sectária, abusando da sua força, desonrando no gemer dos prelos a invenção de Gutenberg, arrastando pela lama o sceptro do seu Poder Espiritual, invertendo os valores, assoprando ignóbilmente as vaidades, fazendo da reportagem uma monstruosa ostentação das peores pústulas morais, mentindo sistematicamente ao público como uma vilíssima rameira, e fazendo todos os dias o *étalage* duma literatura alambicada e preciosa, cheia do *odore di femina* — uma literatura que nivela os sexos no mesmo rolar das ancas, nos mesmos deliquios sensuais, no mesmo contorcer de olhos em alvo, como se todos estes tipos, ao matricular-se nas lettras, houvessem feito, junto ao altar de Vénus Fagundes, o sacrificio da própria virilidade. Junta-se a isto uma mediocridade mental quasi absoluta.

Até ao assoprar ignóbil das vaidades, estará certo no que respeita a essa desvergonhada imprensa burguesa; já não direi o mesmo, porém, do passo que se refere à reportagem, porque isso é mais da responsabilidade de quem executa do que de quem dirige.

¿Então as piores pústulas morais, porque são pústulas e fedem, devem ocultar-se hipocritamente, para nos darmos a ilusão de que estamos no paraíso? Eu não creio que o sr. Raúl Proença perfilhe a ideia feita de que as notícias de crimes fomentam o crime. Antes de haver imprensa, já o homem era a fera que por dinheiro ou luxúria matava o seu semelhante. Cometem-se talvez menos delitos com receio da publicidade do jornal do que com medo das sanções da justiça. Esse atributo morigerador do Poder Espiritual não o deve ignorar o sr. Raúl Proença.

Evidentemente que ninguém defende — e eu menos do que ninguém — a crueldade de certas descrições e o ridículo de dedicar páginas inteiras a um chulo que escorchou uma rameira, como ainda há pouco sucedeu. Isso só se faz neste pobre meio jornalístico de Lisboa, em que é um notável acontecimento a chegada de um "jacaré empalhado" do Brasil, ou a conferência de qualquer diplomata pretencioso no Salão do Teatro de S. Carlos. Agora, não dar a notícia, não dizer que alguém matou outrem, e porque matou e como matou — isso não. Se esta sociedade é assim, se nós somos assim, ¿para quê disfarçar?

Também não concordo com a referência à "literatura alambicada e preciosa" que "nivela os sexos". ¿Onde vê o sr. Raúl Proença disso no jornalismo? Pode vê-lo em alguns, raros, jornais. Procure, porém, as firmas. Não são de jornalistas. Serão de moços... da vida, matriculados em qualquer igreja de elogio e socorros mútuos, mas que não têm praça assente no Sindicato dos Profissionais da Imprensa. Isso lho garanto eu.

E' que pior do que a do funcionário ainda há outra praga — a do amator, a do rapazinho que "escreve muito bem" e que oferece de graça a sua prosa galante, só com a condição de lhe pôr o nome por baixo.

Para esses é que o conceito da "mediocridade mental quasi absoluta" está certíssimo. Quanto aos outros, não exageremos. Estabeleça o sr. Raúl Proença, se pode, uma média da mentalidade dos jornalistas estrangeiros — e só nesses poderá encontrar o termo de comparação e não nos escritores ou nos filósofos, porque o jornalista não é, não deve ser nada disso — estabeleça e verá que poucos dos nossos jornalistas estarão abaixo dessa média.

Por último, afirma o sr. Raúl Proença:

Não há maneira de convencer estes senhores que o vigor dum polemista consiste sobretudo no movimento

A ARTE E A VIDA

O teatro mercenário e a literatura branca

Uma inversão dos preconceitos. — O arrôjo na scena e na novela. — O reaccionarismo literário



No teatro, as chamadas audácias literárias foram sempre menos audaciosas do que no romance...

Isto tem a sua justificação no facto do teatro ser feito para auditórios onde há indivíduos das mais variadas correntes ideológicas, que podem manifestar directamente, com prejuizo de todos os outros, a sua discordância. O segrêdo dos teatrólogos, dos teatrólogos que nos precederam e dos que ainda persistem hoje,

está em colocar nas suas obras temas gerais, sentimentos que, mesmo quando mui singulares, adquirem sob a técnica teatral uma larga pluralidade conciliadora.

A literatura teatral está, portanto, muito menos defendida do que a literatura novelesca. Aquela é para se apresentar frente a frente às multidões, esta para a volúpia das horas solitárias. E assim, quando as audácias desta chegam até aquela, já vão cobertas de muitos véus.

Os mais arrojados dramaturgos não conseguiram ainda colocar, e nem possivelmente teriam grande vantagem literária em conseguir-lo, algumas palavras de prosaica realidade que há nos livros de Mirbeau, nem tampouco algumas das scenas, veementes pela sua verdade, que passam através do caleidoscópio de Zola e dos seus discípulos.

Poristo se vê que o teatro, em questão de preconceitos, marcha muito atrás da novela.

da frase, na *verve* dialéctica, na energia e poder incisivo da expressão, e nessa arte, ao mesmo tempo beneditina e diabólica, de surpreender os bicharocos dissimulados do sofisma com o pente da análise e a pinça duma lógica simultaneamente luminosa e contundente, filha dos amores de Marte com Minerva, sob o claro céu da Hélade!

O polemista é o ponto de encontro da fuga dum temperamento combativo com a calma absoluta duma razão límpida — o campo de batalha em que os estos fisiológicos fazem aliança com a Inteligência discursiva — ímpeto e ideas claras, poder de compreensão e de sarcasmo, não precisa da Verdade sem a indiferença, afirmação dum desejo ilimitado de consciencia e de virilidade.

Um espírito desta ordem precisa sempre de partir de uma *atitude crítica*. Ter razão não é para elle completamente indiferente, e a única paixão que o domina é a da Verdade, da Justiça, das Ideas claras. Assim se resolve, no mesmo tipo psicológico, uma falsa antinomia do espírito.

E' certo que, em casos extremos, também o polemista *de verdade* deve lançar mão dos epítetos que retalam a própria carne viva. Simplesmente esses epítetos nunca abruptamente se inserirão na malha do discurso, antes se fundirão e enastarão de maneira inextricável na teia do raciocínio. Sem a força e firmeza dessa teia, todo o palavrão sôa falso, como essas cunhas que os maus poetas introduzem no verso para lhe completar a medida.

Eis a confusa forma como foi traduzido pelo sr. Raúl Proença o conceito cartesiano com que epigrafa o seu artigo. Sim, porque o sr. Raúl Proença deu-se ao trabalho de citar o *seu* Descartes, para me esmagar com tanta erudição.

De todos aqueles "bicharocos", feitos de "sofisma", que o polemista sacode da trunfa com o "pente da análise" e cata com a "pinça da lógica", quando seria talvez preferível em-

¿ Não fez, ainda recentemente, um escândalo internacional a peça "O Deus da Vingança", de Schalom Asch, pelo facto de decorrer num lupanar? E entre nós, também recentemente, ¿ não se encontrou em circunstâncias idênticas o dramaturgo Alfredo Cortês, porque o seu "Lodo" sufocava e cobria almas de bordel?

Entretanto, os assuntos dessas duas peças há muitos anos já que se arrastam, nus, completamente despidos de mantos hipócritas, pelas novelas, muitas delas consagradas até pelas próprias academias...

E' que entre os muitos preconceitos sociais há este de que um livro pôde ser audacioso, porque se lê em casa, solitariamente, ao passo que uma peça, por ser ouvida na companhia de muitos outros indivíduos, deve manter-se no campo das interpretações gerais da vida, para que o nosso semelhante não faça mau juízo de nós, se ela for arrojada e a escutarmos sem protesto...

A literatura teatral tem de se apresentar como o indivíduo na sociedade: — com palavras estudadas, com gestos convencionais, com muita roupagem...

Tem de ser comedida, de expor a sua opinião com eufemismos, para não desagradar a ninguém, para não irritar, para inocular o seu pensamento sem abrir as válvulas dos pensamentos antagonicos...

A novela, ao contrário, possui toda a liberdade: pode despir totalmente as ideas, a vida e os homens, pois ela pode ser lida solitariamente, distantes dos outros, dos convencio-

pregar o Pó Keating, só fica esta definição: "O polemista é o ponto de encontro da fuga dum temperamento combativo com a calma absoluta duma razão límpida — o campo de batalha em que os estos fisiológicos fazem aliança com a Inteligência discursiva — etc."

Pôsto o conceito em linguagem não "cerebral": polemista é o Pinheiro Maluco aliado com um galego de esquina, é, para encontrarmos um símbolo — o Romão Gonçalves, bons "estos fisiológicos" e regular "inteligência discursiva".

E gasta o sr. Raúl Proença tantas palavras para dizer que polemista é só elle, pois só elle reúne em alto grau a intelligência discursiva — muito discursiva até — aos estos fisiológicos dum marchante.

Quem, louvando-se embora num conceito de Descartes, que os progressos da medicina desmentem, exige que para a idea ser clara funcione bem o intestino — define-se. Condição as coisas do pensamento e do espírito à digestão perfeita do chispe com hervas, será bem português, mas é grosseiro.

Não sei se Antero de Quental foi polemista, pois antes e depois do sr. Raúl Proença não houve nem haverá talvez outro polemista em Portugal; não sei também se o pensamento filosófico do Poeta era banal, como considera o sr. Raúl Proença o de Junqueiro, o que sei é ter sido Antero — um "miserável fisiológico", para arrelhar Descartes...

nalismos sociais — pode ser lida até onde os homens se despem totalmente...

Todavia — e era para aqui que desde o início deste artigo a minha pena convergia — hoje, o teatro, o próprio teatro branco, o teatro para o grande público, para todas as opiniões, o teatro que não ofende preconceitos e lisongeia a burguesia, está mais livre, mais audacioso, do que essa pálida literatura que aqui ando a combater.

Os Wolf, os Nicodemi, os Frondaie, os Meré, ao escreverem peças, têm o mesmo fito dos Bordeaux, dos Ardel, dos Delly, dos Barclay, ao escreverem novelas — ganhar dinheiro, pela adulação da burguesia.

Simplesmente, aqueles, detestáveis sob o ponto de vista ideológico e de ânsia renovadora, não conseguiram traír tanto a sua época, como esses medíocres escritores e escritoras que espalham hoje pela Europa a chamada literatura branca.

E como aqueles dramaturgos são aplaudidos e disputadíssimos por todos os empresários que anelam enriquecer, é fácil concluir que o próprio espírito das colectividades, que a própria burguesia, já está para além dessas lamentáveis novelas brancas, "destinadas a todas as mãos", novelas polvilhadas de cinzas reaccionárias.

Por exemplo: esse diálogo que há na "Tentação", de Charles Meré, diálogo equívoco em que uma mulher, em frente da plateia submissa, acaba por dizer ao homem que a corteja:

— Mas ¿ como podes negar que não tens tido amantes, se já uma vez me disseste que te era insuportável a abstinência?

¿ Em qual das novelas a que me tenho referido, novelas escritas no nosso século, escritas nos nossos dias mais recentes, se faz uma alusão tão directa às relações sexuais?

Vê-se, pois, claramente, por esta inversão do arrôjo literário, o quanto a chamada literatura branca, por sua enorme difusão, constituiu um perigo para a mentalidade moderna.

Essa literatura que realiza o paradoxo de ser mais convencional do que o teatro, está a exercer profundas influências nas almas jovens, apagando-lhe a chama nascente da rebeldia, impregnando-as de religião, de preconceitos, de ideas falsas, ideas contrárias ao próprio estado actual da Humanidade.

Essa literatura branca, branca em valor, mas negra em sugestão, está criando novas hostes reaccionárias, está detendo toda a renovação literária e ideológica, está, por intermédio de editores e directores de publicações periódicas que desejam agradar à burguesia — e são quasi todos, porque é a burguesia quem tem dinheiro... — algemando e obrigando à claudicação ou à passividade todos os homens de letras que não pactuam com os processos desses mediocres, desses banalísimos, desses reaccionaríssimos indivíduos que em França escrevem novelas brancas, e que as espalham por todo o mundo e que já encontraram em Portugal, entre eunucos das letras, fervorosos discípulos...

FERREIRA DE CASTRO

Devem ser igualitárias as relações entre os homens. Mas para que seja perfeitamente justa a moral igualitária é necessário que um respeito maior (num certo sentido) exista nas relações individuais. E esse respeito maior deve partir justamente do mais forte para o mais fraco: o homem respeitar a mulher, a pessoa forte, vigorosa, respeitar a criança, o doente, o trémulo velhinho. O respeito pelos velhos não significa abdicarmos do nosso direito de pensarmos livremente e que nos submetamos ao modo de pensar das outras pessoas, sejam novos ou velhos, sábios ou ignorantes. O respeito pelos velhos deve ser ditado pelo sentimento humanitário que nos leva a respeitar a liberdade de toda a gente, tratando com carinho os mais fracos. — ABILOS

J. B.